

**SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:  
A CULTURA E O AFETO RELACIONAL**

Wenderson Santos Lima\*  
Leandro Sipriano de Santana\*\*  
Barbara Salla Marx\*\*\*

**SUBJECTIVITY AND EMOTION IN THE MUSIC:  
THE CULTURE AND RELATIONAL AFFECTION**

**Resumo**

Este ensaio traz uma análise da influência da música nas diversas culturas acerca de uma reflexão sobre a subjetividade das emoções e sentimentos que ela produz, no processo a partir da percepção musical; levando como ponto essencial os seus desdobramentos no contexto sócio-histórico dos indivíduos. Dentro do processo transformador que ela condiciona, na cultura das comunidades periféricas, levando em consideração ao seu contexto social e afetividade relacional ou afeto-relacional.

Música. Subjetividade. Emoções. Indução. Contexto social.

**Abstract**

This essay presents an analysis of the influence of music in the diverse cultures on a reflection on the subjectivity of the emotions and feelings that it produces, in the process from the musical perception; taking as essential point its unfolding in the socio-historical context of individuals. Within the transformative process that it conditions, in the culture of the peripheral communities, taking into account its social context and relational or affection-relational affectivity.

Music. Subjectivity. Emotions. Induction. Social context

\* Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador das seguintes áreas sociologia e antropologia da deficiência; sociologia e antropologia da religião, e antropologia urbana. Email: wendersonluan@hotmail.com

\*\* Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador sobre Sociologia e Antropologia linguística. Email: leandro.sipriano@ufpe.br

\*\*\* Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora das seguintes áreas sociologia da cultura, sociologia política, sociologia urbana e sociologia da violência. Email: barbara.msalla@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Ao depararmos com os estudos realizados sobre a música, observamos como a emoção tem sido objeto de pesquisas que podem contribuir para entender sua influência no contexto sócio-histórico, tanto dos indivíduos que vivem em comunidades periféricas<sup>1</sup>, quanto daqueles nas grandes cidades; citaremos alguns pesquisadores como Hummes (2004), Wazlawick (2006), Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), Arriaga, Franco e Campos (2010), e Galvão (2006) que nos ajudam compreender o processo que ela, se torna uma ação emotiva em constante transformação, dentro do processo da subjetividade humana.

A música em si, é motivadora de uma forma, que independendo de qual situação estamos, desperta algum sentimento; se estamos tristes, ela está presente, ou quando estamos em êxtase, também. Desta forma, existem várias contribuições que podemos estudar numa determinada concepção, ou no processo de indução.

Desde já diferenciar indução e percepção emocional, segundo Simões (2012, p.9) é:

“o processo de indução emocional pela música – visão emotiva – pode ser confundido com a percepção emocional – visão cognitivista -, sendo a distinção fundamental, pelo que os mecanismos subjacentes diferem ao nível do processo, sendo a indução emocional mais complexa [...]”.

Quando escutamos uma determinada música e manifestamos sentir algum sentimento, ao ponto de expressar em nossa face, isso nos dá a ideia de que a música transmite certos sentimentos, porque nos provocou alguma emoção. Primeiramente, precisamos diferenciar a emoção de sentimento, assim:

(...) emoções incluem sentimentos, é algo que experimentamos corporalmente: é um sentimento incorporado [...] em termos de emoções, estamos sob o efeito da ação corporal e dos estados mentais pouco intencionais; o sentimento é aquilo que completa a imaginação esquemática, interiorizando o pensamento. (NOGUEIRA, 2011, p.46)

---

<sup>1</sup> São favelas ou moradias aglomeradas em torno das cidades, onde moram pessoas pobres, que tem dificuldade de ter acessos aos serviços públicos, em comparação aos das grandes cidades. Processos de resistências (ver Lacaz, Lima & Heckert), e Novos cenários na comunicação (Ver Sá Barreto, 2009).

## SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:

A emoção envolve o corpo, atingindo-o e provocando certos comportamentos, mesmo que não o sejam percebidos externamente. E quando experimentamos uma emoção, o que sentimos organicamente são processos que envolvem movimentos do/ou dentro do corpo, Nogueira (2011) menciona que:

Se a música é significativa, é porque se constitui como “apresentação” de um fluxo de experiências e pensamentos humanos numa forma material, concreta: *incorporada*. E não há nada mais profundamente significativo do que aquilo que experimentamos com o corpo. (p.61)

Ao tratar da expressão musical, Kivy (1991) distingue o que é expressar e ser expressivo. Ele explica que quando somos levados a determinadas ações em consequência de alguma emoção, podemos dizer que quando expressamos a nossa emoção e as nossas ações, elas são expressões daquela emoção (Nogueira, 2011, p.48). Portanto, o que nos parece alegre ou triste, não significa necessariamente que é, mas que transmite alegria ou tristeza.

Em consequência disso:

“As emoções sentidas pelo compositor ou as emoções de que deseja que sua obra seja expressiva não determinarão a experiência do ouvinte ou o caráter do objeto musical experimentado”. (NOGUEIRA, 2011, p.44).

Exemplo disso foi uma pesquisa realizada no Japão, “Sad music induces pleasant emotion<sup>2</sup>” (2013), por quatro pesquisadores, Kazuo Okanoya, Kentaro Katahira, Kiyoshi Furukawa, Ai Kawakami, na qual foram utilizadas duas peças musicais que expressam tristeza e felicidade, com 44 voluntários, sendo 25 mulheres e 19 homens, sendo alguns deles músicos ou de formação musical, esses correspondiam a menos da metade dos voluntários. Além da música foram colocadas 62 palavras e frases que se relacionavam às emoções.

Os participantes classificaram os dois tipos de emoções musicais depois de ouvir cada trecho musical, distribuídas em um ranking, estas palavras e frases descritivas foram atribuídas a elas uma escala que varia de 0 (nenhum) a 4 (muito). Ao questioná-los sobre o que sentiram, os resultados mostraram que a maior parte das respostas

---

<sup>2</sup> Ver OKANOYA et al.

relacionadas à música triste, provocaram emoções contrastantes, evocando emoções positivas aos ouvintes.

Davies (1994) distingue três tipos de expressão, as expressões primárias, que seria os estímulos não intencionais e que não podemos ter controle, mas podemos controlar suas expressões, embora não podemos controlar o impulso em si. Expressões secundárias, que segundo ele, seria o comportamento que surge a partir da emoção sentida, embora não possa ser entendido como expressivo por alguém que não conhece as intenções de quem se comporta ou as circunstâncias que levaram ao comportamento. Essas expressões são usualmente intencionais, mas não necessariamente, e se distinguem das expressões primárias, sobretudo, por não serem constitutivas das emoções para as quais dão expressão. Expressão terciária distingue-se da anterior por apoiar-se em convenções e rituais.

A partir disso, atribui à música os dois últimos tipos de expressões, com exceção da expressão primária, pois as obras musicais seriam expressões secundárias ou terciárias do compositor. As músicas podem transmitir um sentimento “falso”, em relação ao que estava sentido o autor ao escrevê-la, pois os sentimentos não necessariamente condizem com o que o autor sentia no momento em que a escreveu, podendo ser produzida intencionalmente ou com determinados interesses, assim conclui-se que:

Para Davies, enfim, a expressividade reside na aparência apresentada na música, sem qualquer conexão com emoções ocorrentes. Nesse sentido, a emoção é imediatamente (sem mediação) apresentada em música. [...] O que a música apresenta são características de emoção, uma aparência expressiva em seu som (NOGUEIRA, 2011, p.52).

## O PODER TRANSFORMADOR DA MÚSICA

A música seria, “como uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos” (MAHEIRIE, 2003, p.147). Ela se envolve com todo o contexto e meio social, dando sentido e significado à música, assim, influência os sentimentos e as emoções que irão aflorar no ouvinte.

## SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:

A música produz afetividade, e essa afetividade por Maheirie (2003, p.148) “envolve todas as relações humanas consideradas espontâneas, seja percepção, seja imaginação ou reflexão, contemplando, assim, os sentimentos e as emoções como formas específicas de relação entre subjetividade e objetividade”. Sendo considerada uma linguagem reflexiva-afetiva, em que contempla os sentimentos e as emoções, essa emoção, seria um tipo de consciência que Maheirie ([1994], 2001), e, como tal, é necessariamente relacional, isto é, como consciência é sempre consciência de alguma coisa. Com isso, a música tem a capacidade de modificar o estado psíquico e físico da pessoa, transformando o seu mundo, dando novos sentido e significados ao que está em seu redor, seu impacto transcende o indivíduo em si, modificando suas percepções do mundo e de si próprio. Por outro lado, o mundo pode se apresentar de diferentes formas para o ouvinte, podendo perceber nele vários estados emocionais. Esse ato de criar novos significados ao mundo, na verdade o sujeito vai estar, para Beauvoir (1960/1984, p. 43-44 *apud* MAHEIRIE, 2003, p.149) conferindo “ao mundo uma necessidade”. Assim, sendo que:

(...) o artista introduz a *necessidade* (um encadeamento, uma significação que se impõe quase que como uma fatalidade) onde só havia *liberdade* (plano da vivência onde tudo ou qualquer coisa é possível). A *fatalidade*, como condição inerente à arte, nada mais é do que uma das formas que o sujeito tem de fazer com que o som e o silêncio aconteçam no mundo. (MAHEIRIE, 2003, p.149)

Entretanto, o sujeito tende a se emocionar quando se esbarra com algum objeto que mexe com ele e o perturba, esse “objeto emocionador”, apresenta-se ao sujeito como um contraste no ambiente, de acordo com ele, o sujeito se acostuma a ver o mundo de maneira determinista, e por isso, ao dá-se conta de um novo objeto que no domínio do real não o consegue apreende-lo tende necessariamente transformar seu mundo e a si mesmo a fim de adaptá-lo em uma nova realidade, ao qual ele chama de “mundo mágico”. Em vista dos argumentos apresentados, Maheirie (2003, p.149) diz que o sujeito como corpo e consciência modifica suas qualidades, emocionando-se, para que o mundo possa se “transformar”.

Contudo, a música vai ser esse “objeto emocionador”, ao qual seremos por ela emocionados e assim transformamos o nosso mundo e ambiente, atribuindo novas

percepções em relação a ele, mas principalmente nos emocionando, sentindo em nós mesmo e em nossos corpos novas sensações, como tristeza, alegria, raiva, etc. Logo:

As músicas, na medida em que provocam no fisiológico determinadas reações, podem, a partir daí, nos remeter a estados emocionais intensos, em que só as ações poderão lhes dar uma significação. Esta, não sendo estabelecida *a priori* na música, também não o é nas emoções, posto que o que nos emociona não emocionará necessariamente os outros (MAHEIRIE, 2003, p.150).

Fala-se em “estados emocionais intensos”, pois ao tratar de emoções dentro do contexto sartreano, nos referimos a estados emocionais como estados que são explosivos da afetividade, já os sentimentos se distingue por serem característicos dos estados afetivos mais “estáveis”.

O processo de criação de uma música está marcado por uma mediação entre o que é imaginação e realidade, o autor ao escrever, transforma e anima o mundo ao redor dele. Nesse ponto Vygotsky (1990) nos apresenta a ideia de que existem quatro tipos de forma que usamos para vincular o mundo real e a fantasia. Nisso a sua primeira vinculação, trata-se dos elementos que extraímos da realidade, de nossas experiências, sua segunda vinculação se dá entre produtos preparados da fantasia e determinados fenômenos complexos da realidade, são assim, experiências que o sujeito não necessariamente vivenciou em sua experiência concretamente, mas pode ser de outrem, a terceira forma seria o enlace emocional, o movimento que se faz da emoção para o mundo externo, transformando e o qualificando em relação ao nosso estado de ânimo, por fim, a quarta e última forma de vinculação, seria o produto da fantasia revelando-se como algo completamente novo, inexistente no mundo real que, quando objetivado, passa a existir neste plano e a modificar as pessoas e outros objetos. [...] é o produto da criação propriamente dito que, para existir, teve de ser mediado pela fantasia e pelas emoções (MAHEIRIE, 2003, p.150). O que o faz o compositor da música é objetificar o produto dessas experiências, assim objetiva sua subjetividade. Assim:

Portanto, o processo de criação é uma articulação temporal realizada pela subjetividade, numa postura afetiva, como negação da objetividade, com vista a transformar esta objetividade numa nova objetividade, deixando nela a marca da subjetividade. (MAHEIRIE, 2003, p.152).

## **SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:**

Por fim, volta-se a enfatizar que o estado emocional não nos aparece de forma primitiva, no estado primitivo de quem escreve a música, mas ela é mais uma parte dentro de todo esse processo de criação, junto com todos os outros elementos imaginados e reais presentes dentro da música, aparecendo-nos como algo superado, transformado, desse modo, ao tratar do que afirma Vygotsky, a música:

“é capaz de cumprir a função de dar uma forma aos sentimentos, emoções, imaginação e reflexões, já que os transforma num todo organizado e inteligível, objetivado em sons que se articulam sobre os fragmentos de silêncio.” (idem).

## **MÚSICA COMO INTEGRANTE DA CULTURA E A SUA INDUÇÃO**

A música tem um papel fundamental, enquanto integrante de uma cultura, como Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007, p.2) relatam, que a música é criada e recriada pelo fazer reflexivo-afetivo do homem, é vivida no contexto social, histórico, localizado no tempo e no espaço, na dimensão coletiva, onde pode receber significações que são partilhadas socialmente. Se percebesse que a música tem um papel de agente que se renova numa percepção musical, e que influência no contexto social dentro de cada sociedade.

Para compreender essa dimensão da música e como tem sido o papel de agente da cultura, a música está inserida nas várias atividades sociais, donde decorrem múltiplos significados. A cultura dá os referenciais e os instrumentos materiais e simbólicos que cada sujeito se apropria para criar, tecer e orientar suas construções, no caso, as atividades criadoras e musicais em si, mas com toda uma rede de significados construídos no mundo social, seja nos contextos coletivos mais amplos, seja nos contextos singulares, enfim, junto dos contextos sócias-históricos de sujeitos (WAZLAWICK; PATRÍCIA, 2007).

Algumas funções contribuem para indução de emoções na percepção musical, dentro de uma cultura, para Hummes (2004), quando faz uma análise das funções em que Merriam (1964, p.18), apresenta em seu livro, dentre as funções, três são essenciais para essa contribuição de induzir as emoções, a função de expressão emocional, quando ela tem o papel de liberar sentimentos, ideias reveladas ou não reveladas na fala das

peessoas, percebemos nessa função quando ocorre nas falas e no ato de cantar, muitas das vezes através da expressão do corpo, e nos movimentos, nas emoções impostas, podemos identificar qual sentimento determinada pessoa está sentindo naquele exato momento. Para compreender como tem sido essa percepção das emoções no corpo:

“A emoção é um conjunto de alterações orgânicas que produzem respostas fisiológicas, como por exemplo alteração do tônus muscular e modulações da voz”. (DUARTE, p.5).

Na segunda função Merriam (1964, p. 225 *apud* HUMMES, 2004 p. 19) seria a contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, se refere, pois, se a música permite expressão emocional, ela fornece um prazer estético, diverte, comunica, obtém respostas físicas, conduz conformidade às normas sociais, valida instituições sociais e ritos religiosos. Porém ela ressalta em que a música tem o papel de expressar valores, e nem sempre permite fazer essa expressão emocional, quando se é utilizada na diversão e na comunicação. Assim poderá ter um papel de contribuir numa ação de continuidade em um determinado aspecto da cultura.

Na terceira função, que seria de contribuição para integração da sociedade, estaria influenciada pela função anterior, ao promover um ponto de solidariedade, ao redor do qual os membros da sociedade se congregam, a música funciona como integradora dessa sociedade. (p.19). E que determinado momento dentro da nossa sociedade, é marcada por alguma determinada música, ou tipo de gênero musical, a música tem um papel de produzir solidariedade entre os indivíduos, cada grupo, cada gênero musical, proporciona junção de vários sentimentos e emoções, dentro de um mesmo espaço.

## **DISTINÇÃO NO CONTEXTO SOCIAL**

Uma das indagações que podemos fazer é: se um determinado gênero musical, que é frequentemente escutado nas comunidades pobres, tem o mesmo significado musical, entre eles? Percebemos que o gênero *funk*, é o gênero que tem mais influência no contexto social, dessas comunidades periféricas, porém tem crescido o público de



## **SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:**

peças que não vivem nessas comunidades, e que já vivem nessa “ostentação”, independentemente de que lado esteja o *funk*, como qualquer outro gênero, desperta emoções diferenciadas, para os que vivem nas comunidades pobres, o *funk*, tem sido expressão de liberdade, e esperança, vejamos nas letras, onde se encontra ostentação<sup>3</sup>, e felicidade.

Já para as pessoas que já vivem nessa realidade de ostentar, as emoções que surgem são de realização e prazer, daquilo que já se tem, percebemos uma “construção pessoal e social do significado musical<sup>4</sup>, para as ações que cada pessoa, em relação à música, estabelece ao longo de sua vida. Nessa perspectiva, é preciso atentar para os aspectos que permitem compreender que a música tem significado para cada um na medida em que se vincula à experiência vivida, passada e/ou presente, também em relação a um devir, e quando proporciona articular o vivido junto aos sentimentos e emoções à própria música.” (WAZLAWICK; CAMARGO; MAHEIRIE, 2007, p. 110).

## **INFLUÊNCIAS DE GRUPOS**

Na adolescência é o período onde se ocorre a metamorfose de gostos musicais, e onde começa a produzir solidariedade através da música, e construção de uma possível identidade musical, pois através de um determinado gênero, começamos a fazer parte de determinados grupos, como os fanqueiros, roqueiros, ou até mesmo dos que gostam de música clássica, passando por uma variedade de mudanças, possivelmente criando uma relação com esse estilo musical, em um processo de modificação, sendo assim as emoções em relação a essa vivência. Outra multiplicidade de sentidos dá-se a construção de novos significados, ainda que a música continuasse a ser o “terrorzão bonito” e os “barulhos legais”. (WAZLAWICK, 2006a, p. 7).

## **AGENTES QUE FACILITAM: DANÇA E CANTO E O AFETO RELACIONAL**

---

<sup>3</sup> Exemplos como MC Guimê; MC Lon; MC Pocahontas; MCs Piken e Menor etc.

<sup>4</sup> Podemos ressaltar, nesse contexto a nova MPB: Música Periférica Brasileira (ver Pinheiro). O novo movimento musical de liberdade, para reivindicação de direitos, como educação, saúde, etc. Protagonizados pelos cantores (Criolo, Liniker, Rael, e Yzalur) que vieram das comunidades periféricas.

A dança é um dos agentes que facilitam na produção de emoções, como Camargo (2014), enfatiza, pois mobiliza o corpo e as emoções pelo movimento por ela proporcionado. Pode-se pensar que através de repressões sociais e culturais, os corpos são submetidos através de sucessivas inibições de certos impulsos libidinais, revertendo-se em uma atitude muscular geralmente contraída, enrijecida contra o mundo exterior. Quando dançamos ouvindo música, alguns sentimentos e emoções são despertados, mas quando dançamos sem ela, os impulsos corporais despertam outros tipos de sentimentos.

Para entender como tem sido o papel entre o som e movimento da dança, segundo Maheirie (2001, p.50 *apud* WAZLAWICK, 2006, p. 12):

Quando escutamos uma música e nos deixamos “mergulhar” no seu som, é como corpo vivido que estamos entrando nela. Nesta perspectiva e postura, eu sinto a música como um todo, e cada parte do corpo que sou se movimenta no seu ritmo, na sua harmonia, no seu arranjo. Espontaneamente, meus braços, tronco, pernas e cabeça se movimentam, deslizam na musicalidade que se faz presente e total. Neste momento, sou aquela música, me transformo naquilo que ela conduz, e a sua “imposição” se traduz em movimento: estou dançando.

Outro agente que facilita propagar emoções é o canto, pois segundo Austin (2008, p.20 *apud* VOLPI & ARNDT, p.4): cantar pode proporcionar aos clientes uma oportunidade de expressar o inexpressível, de dar voz a um conjunto de sentimentos. Cantar músicas significativas frequentemente produz uma catarse, uma liberação de emoção, devido ao efeito da música, da letra e das memórias e associações conectadas com a canção.

Quando um indivíduo transforma essa junção da dança, canto e expressão de sentimentos, o que começa a ser desenvolvido é a afetividade musical, que passa a ter um papel de assegurar os sentimentos despertados naquele momento, ou naquele tipo de ação, transformando no sujeito uma proteção dos significados correspondidos através desse processo de afeto; Maheirie (2001, p. 53 *apud* WAZLAWICK, 2006, p. 80) destaca que “modelos de satisfação psíquica e emocional, a música mais constrói do que revela o sujeito, por meio das alianças afetivas que se estruturam, tornando mais ricos nossos sentimentos (...)”. Então através do processo de alianças afetivas, irá reforçar e manter

## SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:

os sentimentos, o que contempla ao afeto-relacional, pois os indivíduos vão construir meios de buscar dentro das estruturas afetivas, o pertencimento da sua realidade social.

Já compreendemos que as emoções e sentimentos vão além da expressão da fala, e que o papel da música tem outros meios, para contribuir na sociedade:

(...) além de possibilitar comunicar sentimentos que não são possíveis de expressar apenas com a fala, pode auxiliar no desenvolvimento humano, aprimorando a sensibilidade, a concentração e a memória. A música, além de conteúdo específico, pode contribuir no processo de alfabetização e raciocínio lógico. (FARIA; FERNANDES; OLIVEIRA, 2013, p. 1415).

A construção dessa relação da música com a afetividade e as atividades musicais para Wazlawick (2006) é que o “fazer musical transformando-o em algo, onde puderam objetivar e historicizar suas implicações com a música, um fazer técnico e afetivo pleno de seus sentidos. O novo significado que a música assume em suas narrativas é o de integrar suas atividades musicais. Fazeres técnicos, um trabalho, que também é prazeroso, que exige dedicação, estudo, conhecimento, onde podem se realizar, sentir satisfação, e crescerem nos aspectos pessoais e profissionais” (p.81).

Passando pelas perspectivas de encontro entre quem produz a música e pela indução que ela gera em nossos sentidos através de suas nuances melódicas e - por isso usada até mesmo para fins terapêuticos (musicoterapia) -, numa perspectiva mais filosófica de que Bergson traz acerca da capacidade da arte, incluindo a música com expressão artística, ele traz uma ideia de alargamento cognitivo sobre o mundo e como a própria música desnaturaliza, ainda que inconscientemente, os pressupostos da realidade na forma que ela se apresenta ao longo de nossas vidas, pois a arte ela provém de um meio real, nasce em meio abstrato e penetra em nossas mentes de maneira completamente subjetiva e é desta forma que a música consegue alcançar tão grandes públicos, em diferentes contextos, pela simples identificação, existe uma ultrapassagem do que os olhos humanos conseguem ver, e desta maneira conseguimos nos conectar através de uma expressão subjetiva à nossa realidade.

Assim, Paiva (2002) fala que Bergson (1993) declara ao se referir a esse alargamento de concepção, da seguinte forma:

(...) quer seja pintura, escultura, poesia ou música, a arte não tem outro objeto a não ser o de afastar os símbolos praticamente úteis, as generalizações, convencionalmente e socialmente aceites, tudo aquilo, enfim, que nos mascara a realidade para nos pôr em contato com a realidade em si. (...) a arte não é mais certamente que uma visão mais direta da realidade, similar àquela que os homens privilegiados, como os artistas e os dotados de moral excepcional, alcançam pela intuição. Mas esta pureza de percepção implica uma rotura com a convenção útil, um desinteresse inato e especialmente localizado dos sentidos da consciência, enfim, uma certa imaterialidade da vida. (p. 110)

Ainda segundo Bergson, aquele que entra em contato com a arte, de forma gradual, quebra essa barreira entre o que ela quer passar, até que se consiga criar um vínculo entre nós mesmos e a arte, derrubando toda e qualquer indiferença por uma via de intimidade e captação fazendo-nos de participantes e atores de uma perpetuação da existência dela.

Pensando em como a música segue, em nossa sociedade atual, com sua pluralidade de gêneros musicais, com suas diversas letras, vozes, ritmos e assim por diante, trazem um pouco do contexto em que cada um se encontra e também as emoções que sentimos ao ouvi-la.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema abordado trouxe uma discussão acerca da compreensão do gosto musical e sua aplicação na produção e até mesmo estímulo de sentimentos, no momento em que a música se torna um objeto transformador e/ou condicionante do ambiente no qual o indivíduo se encontra.

A música como arte entretenimento ou terapia traz consigo uma grande carga emocional pelo fato de que ela consegue alcançar nossas emoções primárias, porém a transformação destas se dá culturalmente, estendendo-se dentro de nós como emoções secundárias ou sociais e até mesmo emoções de fundo.

Tendo em vista aspectos observados, é possível afirmar que mesmo quando as pessoas buscam emoções mais negativas, no fim sempre acabam indo de encontro com o que é positivo e isso nos torna pessoas recarregados de esperança, seja no amor, na amizade, na vida, ou em outras pessoas, e até quando o som é mais devagar ou a voz é

## SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:

mais fúnebre, mas a letra ou o ritmo trazem alguma brecha do que buscamos naquele determinado momento. Pois se a arte consegue afastar objetos diretos ao entrarmos em contato com a mesma, o que não conseguiríamos aproximar com uma simples nota musical? Como o próprio Nietzsche afirmou: “Sem a música a vida seria um erro”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNDT, Andressa; VOLPI, Sheila. A musicoterapia na escuta do sofrimento psíquico. In: **Anais do Congresso Internacional de Saúde Mental** v.2, n.1, p.4, 2013.

AUSTIN, Diane. The theory and practice of vocal psychotherapy. 2008. In: ARNDT, Andressa; VOLPI, Sheila. **A musicoterapia na escuta do sofrimento psíquico**. In: Anais do Congresso Internacional de Saúde Mental v.2, n.1, p.4, 2013.

BEAUVOIR, S. de. (1984). A força da idade. (S. Milliet, Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1960) in: MAHEIRIE, K. **Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky**. 2013.

CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia; WAZLAWICK, Patrícia. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, V.12, n. 1, p. 1005-113, jan/abr. 2007.

CAMARGO, Maria Isabel Saczuk. O corpo e seus significados da dança flamenca. In: ENCONTRO PARANAENSE CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIX, XI, III, 2014. **Anais**, Curitiba: Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Disponível em: [http://www.centroreichiano.com.br/artigos\\_anais\\_congressos.htm](http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm). Acessado em: 14 dez. 2015

DAVIES, Stephen. (1994). Musical meaning and expression. Ithaca: Cornell University Press, In: NOGUEIRA, Marcos. O Viés Emocional da Expressão Musical. **Revista Música Hódie**. 2011.

DUARTE, Jordanna Vieira. Música e emoção: sensibilidade e sentidos. **Academia.edu**, [s.d] disponível em [http://www.academia.edu/2049560/M%C3%BAsica\\_e\\_emo%C3%A7%C3%A3o\\_sensibilidades\\_e\\_sentidos](http://www.academia.edu/2049560/M%C3%BAsica_e_emo%C3%A7%C3%A3o_sensibilidades_e_sentidos) > acessado em 14 dez. 2015

KIVY, Peter. **The corded Shell: reflections on musical representation**. New York, Ithaca, 1991.

LACAZ, A. S., LIMA, S. M., & HECKERT, A. L. C. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, 27(1), 58-67, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00058.pdf> Acessado em: 27 Jun. 2017.

MAHEIRIE, K. “Sete mares numa ilha”: a mediação do trabalho acústico na construção de identidade coletiva. P. 50 In: WAZLAWICK, Patrícia. Quando a música entra em ressonância

com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia. **R. cient. /FAP**, Curitiba, v. 1, p., jan/dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153. 2003.

MERRIAM, A. O. The anthropology of music. In: HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004.

NIETZSCHE, Friedrich, **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradutor: Paulo César de Souza. 1a ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80253.pdf> Acessado em: 27 Jun. 2017

NOGUEIRA, Marcos. O Viés Emocional da Expressão Musical. **Revista Música Hodie**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 43-65. 201

OKANOYA K; KATAHIRA K; FURUKAWA K; KAWAKAMI Ai. Sad music induces pleasant emotion. **Frontiers in Psychology**, 2013; 4 DOI: 10.3389/fpsyg.2013.00311 . Acessado 17 dez 2015

OLIVEIRA, Maria Eliza de; FERNANDES, Sueli Felício; FARIA, Luciana Carolina Fernandes de. A musicalização, o lúdico e a afetividade na educação infantil. In: **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Presidente Prudente. 21 a 24 de outubro, 2013. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2013/suplementos/area/Humanarum/Artes/A%20MUSICALIZA%C3%87AO,%20O%20LUDICO%20E%20A%20AFETIVIDADE%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf> . Acessado em: 15 dez. 2015

PAIVA, Rita. **Subjetividade e imagem**: a literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2002.

PINHEIRO, Micaella. **Movimento música periférica brasileira e a diversidade social e cultural na periferia de São Paulo**: o que dizem os artistas e suas obras. Monografia. UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA: Tubarão 2017. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3624?show=full> Acessado 27 Jun. 2017.

SÁ BARRETO, Virgínia. Comunicação, Culturas e Comunidades Periféricas na Televisão: Assistencialismo, exclusão e apaziguamento. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0964-1.pdf> Acessado em: 27 Jun 2017.

SIMÕES, Ana Rita Chichorro. **As emoções ao compasso da música**: um olhar sobre a influência da música na resposta emocional. Tese de mestrado. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia, 2012.

VYGOTSKY, L. S. (1990). **La imaginación y el arte en la infancia**: ensayo psicológico. Madrid: Ediciones AKAL S. A. (Trabalho original publicado em 1930)

## SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO NA MÚSICA:

WAZLAWICK, Patrícia. "Vivências em contextos coletivos e singulares onde a música entra em ressonância com as emoções". **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 24, n. 47 p. 73-83, out./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia. **R. cient. /FAP**, Curitiba, v. 1, p., jan/dez. 2006.

Recebido em 04/11/2017

Aprovado em 25/05/2018